

OLIVEIRA, Carlos de — *Uma Abelha na Chuva*. 7ª edição. Lisboa, Seara Nova, 1974.

O romance de Carlos de Oliveira tem, de um “Fênix” algo da força de renascimento, erguendo-se, surpreendentemente, sobre o pó de cada edição esgotada, com o frescor de uma voz nova, para mais uma surpresa de seus leitores, já afeitos às reiteradas modificações, cada vez que venha a lume.

Uma Abelha na Chuva — como os outros, em especial *Pequenos Burgueses* — também tem logrado oferecer ao público leitor, nestes vinte anos (1.ª edição em 1953), uma só estória, temperada, no entanto, por ingredientes incorporados à técnica narrativa no romance de nossos dias.

Uma confrontação desta 7.ª com a 3.ª edição — a partir da qual as alterações passaram a ser mais pronunciadas — daria a medida do extraordinário valor que se pode atribuir às variantes, através das quais Carlos de Oliveira revela a maneira peculiar de vir trazendo sempre atualizada as propostas neo-realistas, sem lançar novos títulos, socorrendo-se tão só de drásticas revisões nos mesmos quatro romances (*Casa na Duna*, 1943; *Alcatéia*, 1944; *Pequenos Burgueses*, 1948; *Uma Abelha na Chuva*, 1953) que dele têm sido o contributo para dar a sua geração literária a magnitude que repete a dos realistas portugueses de 1870.

A estória do excêntrico relacionamento de vários casais (Dr. Neto e D. Cláudia, Pe. Abel e D. Violante), em torno de Álvaro Silvestre e D. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, a desaguar nas águas trágicas dos amores de Jacinto, cocheiro destes, e Clara, continua a exhibir-se, pelas sete edições, com os ônus de vária sorte de compromissos em que os metem os preconceitos da vida em sociedade e as decorrentes infrações, em níveis diversos, à ordem estabelecida.

As revisões de Carlos de Oliveira registram, no entanto, o empenho em eliminar todo pormenor ocioso, liberando o discurso narrativo de quaisquer espécies de redundância: o narrador de *Uma Abelha na Chuva* esquiva-se, progressivamente, a interferências no palco dos incidentes, evitando “dizer” qualquer coisa sobre o que acaba de “mostrar pelos recursos da dramatização” E ficam desta forma, mais preservadas para o leitor as oportunidades de digerir a leitura sob os efeitos estimulantes de solicitação que lhe desperta a obra, desafiando-o a um desempenho sempre mais dinâmico na decodificação da mensagem romanesca. Até à 3.ª edição, o romance apresentava-se plenamente “cerrado” com as sequências episódicas a coroarem-se pelo

fecho do narrador que as sujeitava, novamente às inflexões de seu ponto de vista, soberano e irreduzível, como consumação obrigatória para além da qual o vôo da imaginação do leitor ficava definitivamente tolhido.

No caso de *Uma Abelha na Chuva*, para lá da demanda de assegurar a ilusão de “verdade” — com a trama indismalável que cada nó da intriga assegura, armando as situações irreversíveis como aquelas em direção das quais se encaminha inexoravelmente o roteiro das tragédias —, as reedições têm demonstrado o empenho em outra conquista: a de abrir mais portas de entrada ao leitor, na casa da ficção. Com efeito, é progressivamente mais discreta a presença do porta-voz da estória, menos tirânico o exercício de um controle para impor determinado esquema de valores, à medida que a imagem do narrador (autor implícito) se torna mais fugidia, revestindo-se de máscaras contraditórias — desde a do autor até à de uma determinada personagem — e se vai criando para o leitor a sugestão de partilha no questionamento de um ponto de vista, através das diferentes vozes através das quais é convidado a apreendê-lo.

É de ver-se como a 3.^a pessoa da voz que narra (a do sujeito do enunciado) converte-se, frequentemente, a partir da 4.^a edição, numa 1.^a pessoa (a do sujeito da enunciação), com o silêncio aparente do narrador, por sua abdicação ao lugar de primazia no comando da narração, deslocando-se, pois, o “aspectare” para o interior de uma personagem que ganha, em sua sequência, o total relevo no domínio dos atos.

Percebe-se, assim, como traço mais marcado, entre tantas outras reformulações, este que mostra a tendência progressiva de instaurar-se uma nova forma de ilusão, dramática, com a renúncia do narrador a seus privilégios de soberania, como que se despersonalizando, transformado, enfim, a cada passo, num outro, num “eu” mais refletido, mediatizado.

A corroborar na mesma tendência de quebrar o caráter de obra “fechada” a permuta do passado (até a 3.^a ed.) pelo presente (nas edições subsequentes) presta-se, também, a figurar o mundo da ficção como um universo “in fieri”. Cortes, ligações ou rupturas parecem medidas solidárias neste propósito. As observações elucidativas do narrador entre as vozes do diálogo, por exemplo, são suprimidas, preservando-se o frescor das falas, seu caráter de sucessão imediata ou, mesmo, o impacto das oposições. Expressões que registram a rotina do hábito desaparecem para deixar, em evidência, aquelas que resistem, com o poder de indicar a atualidade dos incidentes a acontecerem (“Quem sabe se D. Maria dos Prazeres não era a própria morte! A rondá-lo há vinte anos, a insinuar-lhe dia a dia a miséria de viver” 3.^a ed.; “Ocorreu-lhe outra idéia, que o gelou de pavor: quem sabe se ela não é a própria morte a insinuar-me dia a dia a miséria de viver, uma missão de Deus” — 7.^a ed.) A própria pontuação se reformula para, na cena em processo, fazer-se índice de evolução dos ânimos (como na fala

acre de D. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre, quando ela, por duas vezes na mesma sequência dialogal, passa da explosão momentânea à agressão refletida: “Bêbado!” “Bêbado.” — 7.^a ed.).

O problema das reedições na obra de Carlos de Oliveira, como se vê, pode apenas aflorar, em notas breves como esta. É terrível desafio, à espera de um estudioso que se atenha ao trabalho gigantesco de equacioná-lo, num caminho penoso, mas fascinante, de pesquisa literária.

E, por isso mesmo, ao aparecimento da 7.^a edição de *Uma Abelha na Chuva*, suscita-se, como de outras vezes, uma reflexão inevitável: o leitor de Carlos de Oliveira poderia estar, agora, diante de uma edição “definitiva” (já que o Autor a priva da qualificação de “revista”)? Ou há de caber-lhe continuar a peregrinação por outros atalhos insondáveis desta inquietação do Romancista cuja sede de revitalização não se sacia

Eis o enigma que se repete e para o qual se volta, mais uma vez, a curiosidade de seu público leitor.

Maria Aparecida Santilli